

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS- LICENCIATURA**

MILENI PAZ ROSA

O AUTORRETRATO COMO PROCESSO EDUCATIVO E ARTÍSTICO

CRICIÚMA

2024

MILENI PAZ ROSA

O AUTORRETRATO COMO PROCESSO EDUCATIVO E ARTÍSTICO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de graduação no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (ª) Ma. Izabel Cristina Marcílio Duarte

CRICIÚMA

2024

MILENI PAZ ROSA

O AUTORRETRATO COMO PROCESSO EDUCATIVO E ARTÍSTICO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de graduação, no Curso de Artes Visuais -Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Izabel Cristina Marcílio Duarte- Mestre- (UNESC) - Orientador

Prof. Angélica Neumaier -Mestre em Educação- (UNESC)

Prof. Bruna da Silva Ribeiro – Mestre em Artes Visuais- (UNESC)

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio e incentivo em cada etapa desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Marlene Paz Rosa, e ao meu pai, Jucemar Rosa, por todo o amor, apoio e dedicação ao longo da minha trajetória. Vocês são minha força e inspiração.

À minha irmã, Mislaine Paz Rosa, pela parceria de sempre, pelos momentos de alegria e pelo incentivo nos momentos de desafio. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao meu namorado, Eduardo da Luz, por todo o carinho, e paciência e por acreditar em mim mesmo nas fases mais difíceis. Sua presença foi essencial durante este processo.

Aos meus cachorros (Bart, Lisa, Preta e Nina) que com sua alegria e amor incondicional, tornaram meus dias mais leves e me ajudaram a manter o equilíbrio ao longo dessa jornada.

Aos meus gatos em especial Negão e Amarelo pelo suporte emocional e companhia de madrugada.

À minha orientadora, Izabel Cristina, sou imensamente grata pela sua leveza e paciência e por guiar este trabalho com sabedoria. Sem sua orientação, nada disso seria possível.

Por fim, agradeço a Deus e meus mentores e protetores espirituais, por toda sua luz, proteção e pela orientação ao longo de toda a minha caminhada.

A todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos!

“Artista sincero é aquele que pinta o
autorretrato com todos os seus defeitos.”

Josemar Bosi

RESUMO

Esta pesquisa traz reflexões acerca do autorretrato e sua contribuição na compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade. O problema central nessa investigação é: Como as questões levantadas por meio de autorretratos podem ser incorporadas ao ensino da arte, promovendo uma reflexão crítica e ampliando a compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade? Dessa questão central decorre o objetivo geral que é: Analisar como as questões levantadas por meio de autorretratos podem ser incorporadas ao ensino da arte, promovendo uma reflexão crítica e ampliando a compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade. Bem como os objetivos específicos: Identificar as questões e temáticas tratadas por artistas contemporâneos em seus autorretratos, destacando sua relevância cultural e social; Analisar experiências no espaço escolar em relação a prática do autorretrato e sua contribuição na compreensão dos alunos em relação a sua auto imagem; Examinar o impacto das obras de Frida Kahlo no que diz respeito às questões de identidade e sua relevância para a educação artística. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. Apoiar-se em autores como Melo (2022), Rauen e Momoli (2015), Benevides (2016), na fundamentação da importância do autorretrato como forma de autoconhecimento e reflexão e Ellassal (2021), Campos (2024) e Medeiros (2016), para a fundamentação teórica e análise das obras. A partir deste estudo pode-se perceber que o autorretrato, no contexto educativo, vai além da prática técnica; ela se torna um espelho que reflete o íntimo, convidando o indivíduo a resgatar memórias, enfrentar medos e construir narrativas que integram a arte e a vida. O caminho aqui percorrido reafirma a potência transformadora da arte, tanto no plano individual quanto coletivo, tornando-a uma forma vital tanto na educação quanto na formação humana.

Palavras-chave: Retrato, autorretrato, identidade, educação artística.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tentativa de realismo.....	12
Figura 2: Eddie Munson.....	11
Figura 3: Angioedema Hereditário.....	12
Figura 4: Eu, ser místico.....	13
Figura 5: A coluna partida. 1944.....	23
Figura 6: Autorretrato com Bonito Papagaio e Borboleta. Frida Kahlo. 1941.....	24
Figura 7: Autorretrato na Fronteira EUA-México.....	25
Figura 8: Vik Muniz Auto retrato em mosaico feito com recortes de revistas.....	27
Figura 9: Vik Muniz. “Autorretrato, feito com folhas, galhos, terra e sementes”	28
Figura 10: Cindy Sherman – Untitled Film Stills #21, 1978.....	29
Figura 11: Cindy Sherman – Untitled Film Stills #03, 1977.....	29
Figura 12: Perfil @cindysherman.....	30
Figura 13: Perfil @cindysherman.....	31
Figura 14: Infinity Mirror Rooms.....	32
Figura 15: Infinity Mirror Rooms.....	32
Figura 16: Emaranhado de fios vermelho.....	35
Figura 17: Emaranhado de fios vermelho.....	36
Figura 18: Emaranhado de fios vermelho.....	36
Figura 19: Reflexos do espelho.....	37
Figura 20: Reflexos do espelho.....	38
Figura 21: Caixa de memórias.....	39
Figura 22: Caixa de memórias.....	40
Figura 23: Caixa de memórias.....	41
Figura 24: Caixa de memórias.....	41
Figura 25: Caixa de memórias.....	42
Figura 26: Caixa de memórias.....	44
Figura 27: Autorretrato com 23 anos, 1629, óleo sobre madeira.....	46
Figura 28: Intervenção didática sobre autorretrato.....	48
Figura 29: Intervenção didática sobre autorretrato.....	49
Figura 30: O autorretrato do Heitor.....	51
Figura 31: Sem título, Colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm.....	55

Figura 32: Sem título, Grafite e colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm.....	56
Figura 33: Sem título, Colagem e nanquim sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PERCORRENDO OS CAPÍTULOS	16
2. NO RETRATO QUE ME FAÇO - TRAÇO A TRAÇO - ÀS VEZES ME PINTO NUVEM ÀS VEZES ME PINTO ÁRVORE...”ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
2.1 EU SOU MINHA ÚNICA MUSA, O ASSUNTO QUE CONHEÇO MELHOR... ..	23
2.2 O AUTORRETRATO REVELA MARCAS DE REFLEXÃO DO ARTISTA SOBRE SI MESMO: OUTROS MESTRES QUE ME INSPIRAM... ..	27
3. NO RETRATO ME FAÇO PASSO A PASSO: RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.	34
4. A IMPORTANCIA DE TRABALHAR O AUTORRETRATO: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	46
5. PROJETO DE CURSO	58
6. CONCLUSÃO	61

1 INTRODUÇÃO

O desenho sempre esteve presente na minha vida, desde a infância até a adolescência. Ele foi uma forma de eu me expressar, visto que possuía muita dificuldade de comunicação por ser atípica. Através do desenho, eu conseguia expor meus sentimentos e expressar o que queria dizer. Durante toda a minha infância, eu experimentava materiais e técnicas de maneira espontânea, utilizando lápis de cor, giz de cera e canetinhas, sem muita preocupação com o resultado final. Apenas focava no prazer de criar e na liberdade que o desenho me proporcionava.

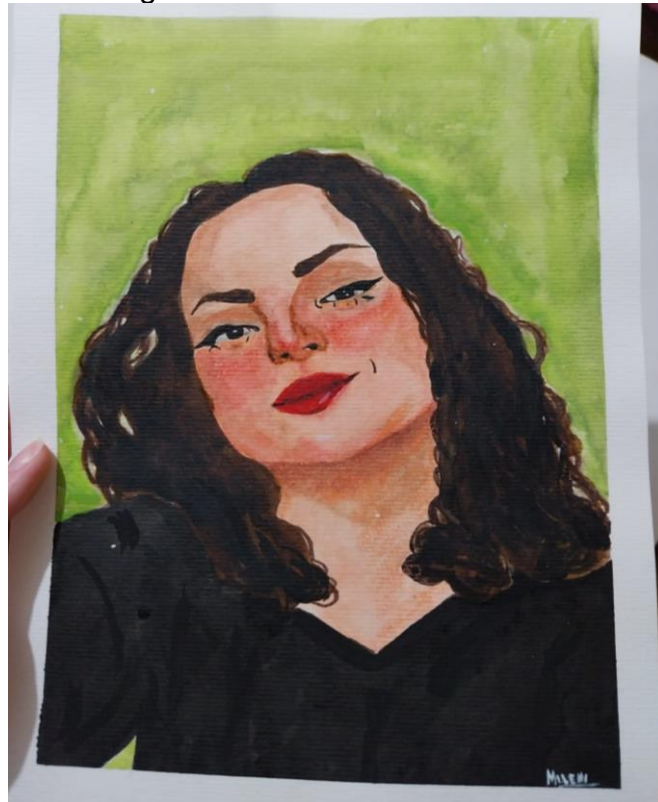
Entre 15 e 16 anos, minha abordagem nos desenhos começou a mudar e eu comecei a ser mais crítica comigo mesma. Essa mudança foi fortemente influenciada pela Renata Celi, uma artista independente que conheci através do YouTube. Ela me inspirou a questionar minhas habilidades e a querer aprender diferentes técnicas de arte e foi através dela que desenvolvi minhas habilidades artísticas e conheci o autorretrato.

O autorretrato, se tornou uma forma de mostrar o que eu estava sentindo por dentro e me ajudou a lidar com minhas emoções. Enquanto eu desenhava o que eu estava sentindo, por exemplo, ansiedade, eu conseguia ter maior reflexão da causa do problema e o que fazer para melhorar em meio ao caos da adolescência. Além disso, passei a notar mais minhas características físicas, expressões faciais, gestos corporais, coisas que antes passavam despercebidas por mim. O autorretrato me ajudou a ter mais conhecimento sobre eu mesma e dos problemas que circulavam ao meu redor, assim me ajudou a mostrar para as pessoas o que eu estava sentindo. Durante essa fase, passei a buscar maior precisão e detalhamento em minhas criações, explorando sombreamentos, proporções e anatomia de maneira mais consciente. Estudei referências e observei o mundo ao meu redor com mais atenção, tentando capturar nuances de luz, sombra e textura em minhas obras e assim passei a me interessar pelo realismo.

Hoje, o desenho continua sendo uma parte essencial da minha vida, com uma compreensão mais profunda do meu papel na minha jornada pessoal e artística. Uma das formas de desenhos que mais gosto é o realismo, apesar de não o incorporar tanto em meus autorretratos. Um exemplo disso é o autorretrato realista

que criei utilizando aquarela, que me permitiu explorar melhor minhas características físicas.

Figura 1: Tentativa de realismo.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2021)

Além dos autorretratos, também me dedico a retratar personagens e figuras que me inspiram. Um exemplo disso é o desenho de Eddie, da série "*Stranger Things*"¹, feito a lápis de cor. Este trabalho representa uma das minhas maiores realizações no realismo até hoje, evidenciando minha habilidade de capturar detalhes e emoções complexas.

¹ "Stranger Things" é uma série de ficção científica com elementos sobrenaturais, criada pelos irmãos Duffer para a Netflix. Ambientada na cidade fictícia de Hawkins, Indiana, a narrativa se inicia em 1983, com o desaparecimento misterioso de um garoto chamado Will. À medida que a investigação sobre seu sumiço avança, um grupo de amigos pré-adolescentes encontra uma menina com habilidades de telecinese e descobre a existência de um portal para um mundo paralelo chamado Mundo Invertido.

Disponível: <https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/stranger-things>

Figura 2: Eddie Munson



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

Apesar de gostar bastante do realismo e praticá-lo, eu desenvolvi meu próprio estilo artístico com diferentes traços, acrescentando em meus autorretratos. Neles eu costumo refletir minha própria visão, vida e problemas pessoais com as técnicas que fui aprimorando ao passar do tempo.

Recentemente, criei um autorretrato que retrata o angioedema hereditário, uma condição com a qual convivo desde a infância que estava controlada, porém retornou agora, em 2024. Neste retrato, expresso como me enxergo e sinto em relação a essa doença. Nele, represento a mim mesma envolta por um monstro, simbolizando o angioedema hereditário. O monstro está entrelaçado com várias bolhas que surgem ao longo do meu corpo, representando o inchaço e as erupções que acompanham a doença. As bolhas flutuantes simbolizam meu sangue, onde meus órgãos são constantemente ameaçados por hemorragias. Suas mãos apertam meu pescoço, sufocando-me e simbolizando a falta de ar que frequentemente experimento. Os olhos depreciativos da criatura refletem a impotência e a tristeza

que sinto ao ser privada de atividades simples, como fazer exercícios físicos ou levar uma vida normal. O monstro, em sua totalidade, encarna o medo constante de um novo ataque. Minha expressão facial, a incerteza que essa condição traz para minha vida.

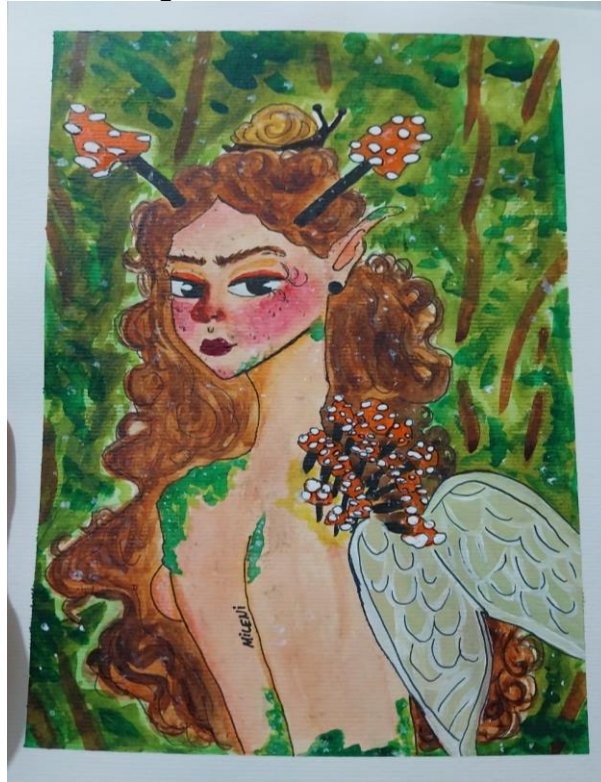
Figura 3: Angioedema Hereditário



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Na imagem abaixo, adoto uma abordagem mais descontraída, representando a mim mesma como um ser místico, envolta pela natureza. Nesta obra, deixo de lado as limitações impostas pela realidade e me permito explorar uma versão de mim que está em harmonia. Minha figura se funde com os elementos ao meu redor, como se a própria natureza fosse uma extensão do meu ser. As cores vibrantes e as formas orgânicas evocam um senso de liberdade e alegria, se conectando com o universo.

Figura 4: Eu, ser místico.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

No presente, minha arte é um espelho da minha identidade em constante evolução. Através dos autorretratos, continuo a explorar minhas emoções e a buscar respostas para as questões internas que surgem ao longo do tempo. Olhando para o futuro, vejo o desenho como um caminho sem fim, onde sempre haverá algo novo para aprender e aprimorar. Como futura professora, pretendo integrar minha prática artística à educação, usando a arte como uma ferramenta para fomentar a expressão pessoal e a reflexão crítica entre meus alunos. Acima de tudo, quero que minha arte continue a ser uma forma de resistência e resiliência.

A partir deste contexto pessoal e do campo artístico defino como problema de pesquisa: - Como as questões levantadas por meio de autorretratos podem ser incorporadas ao ensino da arte, promovendo uma reflexão crítica e ampliando a compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade?

Junto com esta questão principal trago questões que me ajudam a nortear a investigação: Quais questões e temas são recorrentemente abordados pelos artistas Vik Muniz, Cindy Sherman e Yayoi Kusama em seus autorretratos no

contexto contemporâneo? Como essas questões tratadas pelos artistas em seus autorretratos dialogam com autonomia e identidade? De que forma as representações presentes nos autorretratos contemporâneos podem ser utilizadas como métodos pedagógicos para promover uma reflexão crítica e ampliar a compreensão dos alunos sobre sua própria presença na sociedade? Trago como objetivo geral – Analisar como as questões levantadas por meio de autorretratos podem ser incorporadas ao ensino da arte, promovendo uma reflexão crítica e ampliando a compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade. E nos objetivos específicos : Examinar o impacto das obras de Frida Kahlo no que diz respeito às questões de identidade e sua relevância para a educação artística; Identificar as questões e temáticas tratadas pelos artistas contemporâneos Vik Muniz, Cindy Sherman e Yayoi Kusama em seus autorretratos, destacando sua relevância cultural e social, Analisar experiências no espaço escolar em relação a prática do autorretrato e sua contribuição na compreensão dos alunos em relação a sua auto imagem.

1.1 PERCORRENDO OS CAPÍTULOS

Essa pesquisa é qualitativa e exploratória. Uma pesquisa qualitativa busca entender as características em seu contexto, a partir das percepções e significados das pessoas envolvidas. Já a pesquisa exploratória tem o objetivo de explorar um tema ainda pouco conhecido, trazendo novas ideias e possibilidades. Também se trata de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, foi feita com base em materiais já publicados, como livros, artigos e teses. Além disso, inclui a coleta de dados por meio de observações participativas e a análise de obras de arte. Essas abordagens qualitativas permitirão uma exploração detalhada dos processos criativos e das narrativas pessoais dos artistas, alunos e educadores envolvidos na pesquisa. Visando uma contribuição para o avanço do conhecimento sobre o autorretrato e sua relevância na educação artística, promovendo uma maior compreensão dos processos artísticos envolvidos na criação e interpretação de obras de arte autorreflexivas.

A linha de pesquisa do projeto é Arte e Educação. Essa área investiga como a arte pode ser usada na educação para promover o desenvolvimento pessoal, a

reflexão crítica e a expressão criativa dos alunos. Com isso, este trabalho busca contribuir para a compreensão do autorretrato e sua importância na educação artística, ajudando a compreender os processos envolvidos na criação e interpretação.

No capítulo 2, intitulado "NO RETRATO QUE ME FAÇO – TRAÇO A TRAÇO – ÀS VEZES ME PINTO NUVEM, ÀS VEZES ME PINTO ÁRVORE...", trago uma discussão aprofundada sobre a prática do autorretrato, partindo das origens do retrato. Explorando como os artistas, ao longo da história, utilizaram o autorretrato para expressar suas emoções, indo além da mera representação física. Iniciamos com uma análise do retrato, uma prática artística que remonta a tempos antigos e evoluiu ao longo dos séculos. A influência do autorretrato na arte é apresentada através de nomes como Vincent Van Gogh, Frida Kahlo e Egon Schiele, que utilizaram essa forma para transmitir a identidade e expressar sentimentos. Destaco, com o apoio de autores como Melo (2022), Rauen e Momoli (2015), Benevides (2016) e Elassal (2021) a importância do autorretrato como forma de autoconhecimento e reflexão. Através dele, os artistas afirmam sua identidade, confirmam seu lugar na sociedade e desafiam normas e expectativas sociais. Abordo também como a prática do autorretrato envolve um profundo processo de autocompreensão, capaz de gerar desconforto, mas que leva à compreensão do eu.

Já no capítulo, 2.1 "EU SOU MINHA ÚNICA MUSA, O ASSUNTO QUE CONHEÇO MELHOR..." apresento a influência de Frida Kahlo colocando-a como inspiração central. Destacando como suas obras não apenas retratam sua imagem física, mas também expressam uma poderosa narrativa emocional e pessoal. Frida Kahlo é um exemplo de como o autorretrato vai além da mera representação da aparência, tornando-se uma ferramenta para comunicar as complexidades da vida e da identidade. Utilizo de apoio os autores Campos (2024), Kettenmann (2006 apud MEDEIROS, 2016) e Benevides (2016) para contextualizar suas obras.

No capítulo 2.2 "O AUTORRETRATO REVELA MARCAS DE REFLEXÃO DO ARTISTA SOBRE SI MESMO: OUTROS MESTRES QUE ME INSPIRAM..." neste capítulo é explorado como diferentes artistas contemporâneos têm expandido a prática do autorretrato, influenciando e inspirando novos modos de expressão na arte. Refletindo sobre suas identidades e experiências pessoais de maneiras

inovadoras e provocativas. A prática do autorretrato hoje vai além da simples representação física e se transforma em uma ferramenta poderosa para a exploração da identidade e das emoções. Nesse capítulo é citado os artistas: Vik Muniz, conhecido por criar autorretratos utilizando materiais diversos, como sucata, fragmentos de fotografias e outros itens encontrados. Cindy Sherman, conhecida por seus autorretratos fotográficos ligados a críticas sociais e reflexões sobre os papéis de gênero e Yayoi Kusama que integra sua imagem e identidade de uma forma única em sua arte. Utilizo para contextualizar, os autores: Modesto (2019), Torezan (2020) e Salomão (2024).

O capítulo 3, intitulado “NO RETRATO ME FAÇO PASSO A PASSO: RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.” apresento um relato detalhado das atividades realizadas durante meu estágio obrigatório na turma do 2º ano do ensino médio da escola EEB Luiz Tramontin, em Forquilha-SC. Neste capítulo, exploro como o conceito de autorretrato foi abordado por meio de práticas educativas voltadas à memória e identidade dos alunos. O conteúdo desse capítulo descreve como as atividades propostas aos alunos estabeleceram uma conexão direta com o tema do autorretrato. Ao envolver os alunos em experiências que lhes permitiram refletir sobre suas próprias histórias e memórias, essas práticas se tornaram uma extensão contemporânea do autorretrato, não apenas como uma representação física, mas como uma expressão de identidade e afetos.

Por fim, no capítulo 4, “A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR O AUTORRETRATO: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR,” apresento quatro análises de práticas de autorretrato que ressaltam a importância dessa atividade no contexto educacional. O autorretrato vai além de uma simples expressão artística; ele funciona como uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento, permitindo que os estudantes explorem e enfrentem questões relacionadas à identidade. Essa prática não apenas desenvolve habilidades técnicas, mas também contribui significativamente para o crescimento pessoal e emocional dos alunos. Além disso, trabalhar o autorretrato em sala de aula estimula o diálogo sobre diversidade, respeito e valorização das singularidades. Ao se autorrepresentarem, os estudantes são encorajados a reconhecer e apreciar a complexidade de suas próprias identidades, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e empático. As análises evidenciam como o autorretrato pode ser um

caminho para explorar a subjetividade, fortalecer a autoestima e promover uma compreensão mais profunda das diferenças e do valor individual de cada aluno.

2. “NO RETRATO QUE ME FAÇO – TRAÇO A TRAÇO – ÀS VEZES ME PINTO NUVEM ÀS VEZES ME PINTO ÁRVORE...”

Mario Quintana

Para falarmos sobre o autorretrato primeiro, é necessário falar sobre o “retrato” pois é dele quem vem o princípio da representação. O retrato está presente a muito tempo no mundo artístico, ele é a captura da imagem física e da essência que transmite a pessoa retratada. Antigamente os artistas utilizavam o retrato para homenagear e capturar figuras de poder e importância e até mesmo glorificar deuses, como os, faraós egípcios, imperadores romanos e nobres europeus. Esses retratos antigos frequentemente incorporavam simbolismo e idealização, refletindo o status social e o poder dos retratados.

De acordo com Melo (2022), embora existam evidências da retratação do sujeito desde o Egito Antigo, seguidas pelas civilizações gregas e romanas, o retrato começa a tomar forma no século XV. Nessa época, a natureza da pintura de cunho narrativo e/ou alegórico, focada em temas religiosos, já não mais possuía a mesma influência. No século XVI, impulsionado pela Reforma Protestante, o retrato se consolidou como um gênero autônomo.

A Reforma Protestante, ao questionar a autoridade da Igreja Católica e promover valores como o individualismo, criou um ambiente propício para o surgimento do retrato como uma expressão pessoal. Artistas começaram a se concentrar mais na representação fiel e detalhada de indivíduos, capturando não apenas a aparência física, mas também incorporando simbolismo e idealização, refletindo o status social e o poder dos retratados.

Com o retrato, também surgiu o autorretrato, aonde os artistas passaram a representar a si próprios. Sendo uma representação da própria individualidade do artista. Essa nova forma de retrato não apenas documentava a aparência dos artistas, mas também servia como uma poderosa ferramenta de autoexpressão,

permitindo-lhes explorar e comunicar aspectos mais profundos de sua identidade pessoal e emocional.

Artistas renomados como Vincent Van Gogh, Frida Kahlo, Egon Schiele, Johannes Gump, entre outros, utilizaram o autorretrato para transmitir sua identidade e sentimentos simbólicos. Através das cores, linhas, formas e expressões, foi possível transmitir uma característica única de si mesmo e ainda fazer uma reflexão sobre autoconhecimento, identidade e humanidade.

De acordo com Rauen e Momoli (2015) no decorrer da história, o autorretrato tem sido uma expressão fundamental do desejo humano de capturar sua própria presença, evoluindo em diversas formas ao longo do tempo. Em sua essência, é feita uma jornada de auto exploração, onde o ato de criar um autorretrato nos leva a uma análise interna, permitindo-nos reconectar com nosso eu interior nesse contínuo processo de construção e busca de identidade.

Desta forma, podemos dizer que o autorretrato é importante para o artista se conhecer melhor, pois o autorretrato é uma das formas dele expressar sua criatividade e criar sua própria identidade, valorizando seu lugar na sociedade. “[...] os autorretratos são trabalhos que trazem gravadas as marcas da autorreflexão, da autorreferência, da visão do artista sobre si mesmo e da construção ou afirmação de uma identidade”. (BENEVIDES, 2016, p.18).

Mas o que é a identidade? a identidade refere-se ao conjunto de características e experiências que definem uma pessoa. A identidade tem evolução constante e é moldada por fatores internos e externos. No autorretrato, a identidade do artista é explorada de maneira única e direta, permitindo que ele comunique aspectos profundos de sua própria experiência e autoimagem. Esta prática pode revelar muito sobre o artista, incluindo suas preocupações pessoais, emoções e a forma de como ele enxerga o mundo.

A identidade nada mais é que um processo de criação vinculada a interioridade do sujeito. Assim, como uma construção imaginária, a identidade é passível de alterações, construções, reconstruções e desconstruções. E ciente dessas possibilidades, através da prática do autorretrato podemos ir de encontro a novas imagens de nosso “eu” que nos identifiquem como cidadãos. Um cidadão capaz de reconhecer sua identidade. (RAUEN; MOMOLI, 2015, p. 60).

Ao criar um autorretrato, o artista também tem a oportunidade de afirmar sua identidade de maneira mais visível e impactante. Em contextos onde sua identidade

pode ser ignorada ou excluída, o autorretrato se torna uma forma poderosa de resistência e autoafirmação. Ele permite que o artista desafie normas e expectativas, oferecendo uma visão autêntica de si mesmo e contribuindo para um entendimento mais amplo e inclusivo da diversidade humana.

Assim, o autorretrato não é apenas uma forma de autoexpressão, mas também uma ferramenta para a construção e afirmação da identidade. Trabalhar o autorretrato vai ajudar o artista a desenvolver o pensamento crítico e autonomia, fazendo-o reconhecer seu papel nos diferentes ciclos sociais. Além de desenvolver a criatividade, a memória e sua visão de si próprio. Estará se envolvendo em uma profunda reflexão sobre si mesmo, entrando em uma jornada de autoconhecimento e expressão pessoal, pois deverá criar sua imagem refletida em si mesmo.

O estudo e prática do autorretrato são formas de utilizar as diversas linguagens artísticas em diferentes contextos, valorizando sua importância como fenômeno social, cultural, histórico e variável. Conforme Rauen e Momoli (2015), o autorretrato desempenha um importante papel na história da arte, pois apesar das mudanças ao longo da história, esse gênero conseguiu adaptar-se em todas as épocas, devido aos artistas estarem abertos a novos aprendizados e conceitos, sempre aliando o seu estilo próprio.

Compreender e valorizar o autorretrato como um fenômeno social, cultural e histórico nos permite não apenas apreciar a diversidade e a complexidade da arte, mas também refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor de uma maneira mais profunda e significativa.

Ao reconhecer que a identidade é um processo contínuo de criação e recriação, entendemos que somos seres em constante evolução. A prática do autorretrato nos permite explorar e expressar diferentes facetas de nossa identidade, desde nossas emoções e experiências até nossas aspirações e ideais. Ao nos engajarmos nesse processo de autorrepresentação, somos desafiados a refletir sobre quem somos e como nos vemos, e também a considerar como queremos ser vistos pelos outros.

Caminha junto com a presença, a necessidade para o artista de estabelecer a sua identidade, ou ainda a necessidade de construção dessa identidade.' (Elassal, 2021, p.23)

O autorretrato muitas vezes é utilizado para a expressão artística. Quando um artista se autorretrata além de expor sua aparência física, ele também está revelando aspectos profundos do seu eu interior. Questões como traumas, momentos felizes e o impacto da sociedade no desenvolvimento pessoal são geralmente abordados.

Os traumas podem ser representados no autorretrato através de expressões faciais como tristeza, melancolia e através de posturas corporais e elementos simbólicos incorporados na obra. Diferentes elementos visuais, sombras pesadas ou cores sombrias também podem ajudar a transmitir o trauma do artista.

Nos momentos felizes, o artista pode utilizar expressões de alegria, sorrisos e diferentes poses para representar esse momento. Também é utilizado cores vibrantes e alegres para passar essa sensação.

Os artistas também podem usar sua própria imagem para comunicar questões sociais, políticas e culturais, fazendo reflexões sobre identidade, preconceito, sexualidade e muito mais.

A execução de autorretratos como ferramenta de externalização de uma busca pela autocompreensão, gera um desconforto pessoal. Representar a própria imagem dentro do contexto de seu cerne individual é algo extremamente expositório. Este incômodo faz parte deste exercício que permite o reconhecimento do indivíduo como sujeito. (Melo, 2022. p.28).

Quando um artista decide usar a própria imagem para falar sobre questões sociais, políticas e culturais, ele coloca pedaços de si mesmo à mostra, falando sobre temas que são profundamente pessoais e, ao mesmo tempo, universais.

O que Melo (2022) nos lembra é que esse processo de criar autorretratos é, em muitos casos, desconfortável. E faz sentido que seja. Quando a gente se olha de verdade, não apenas no espelho, mas com a intenção de se entender, de colocar para fora tudo aquilo que está por dentro, é natural que isso traga um certo incômodo. Afinal, a gente está se expondo, se revelando em um nível muito profundo.

Mas esse desconforto não é algo ruim. Na verdade, ele faz parte do processo. É através desse incômodo que começamos a nos reconhecer como indivíduos, a entender melhor quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Representar a própria imagem não é só um ato de vaidade ou expressão artística; é um ato de coragem, porque nos força a encarar nossas próprias

verdades, nossas lutas internas e a maneira como essas questões se conectam com o que está acontecendo no mundo.

O autorretrato é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e um meio de explorar e expor questões que, de outra forma, poderiam permanecer escondidas. E, por isso, ele tem um valor tão grande, tanto para o artista quanto para aqueles que entram em contato com sua obra. É através desse processo que encontramos não só a nossa própria voz, mas também uma maneira de contribuir para um diálogo mais amplo sobre quem somos e sobre as questões que nos cercam.

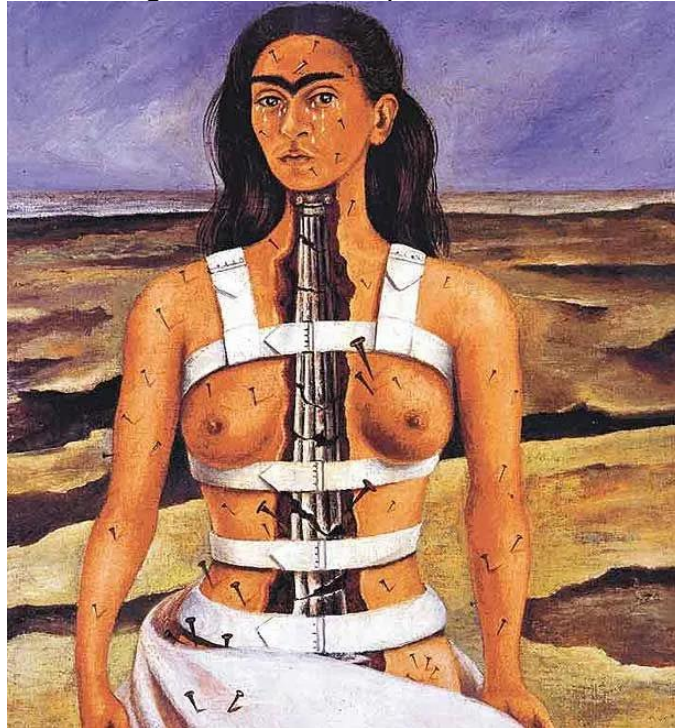
2.1 EU SOU MINHA ÚNICA MUSA, O ASSUNTO QUE CONHEÇO MELHOR...

Frida Kahlo

Uma inspiração própria para o autorretrato é a artista Frida Kahlo (1907-1954). Suas obras são influenciadas por sua vida tumultuada, marcadas por diversos traumas e dificuldades, desde sua infância. Um dos desafios enfrentados foi a poliomielite, que a deixou com sequelas permanentes e um acidente que a deixou com lesões graves na coluna e na pelve. Durante seu processo de recuperação, Frida começou a pintar autorretratos através de um espelho colocado ao lado de sua cama. Seus autorretratos refletiam não apenas sua aparência física, mas também suas emoções e experiências pessoais. As dores crônicas resultantes do acidente e as inúmeras cirurgias que teve que enfrentar ao longo da vida também se tornaram temas frequentes em suas obras.

Conforme Campos (2024), a fragilidade física de Frida era exposta em suas pinturas. Ela não tinha medo de revelar ao mundo as consequências do acidente que sofreu, como apresentado no quadro “A coluna partida”, de 1944. Neste quadro, Frida aparece com sua coluna exposta e toda quebrada, além de pregos por todo o corpo. Isso retrata as dores sofridas por ela durante a vida.

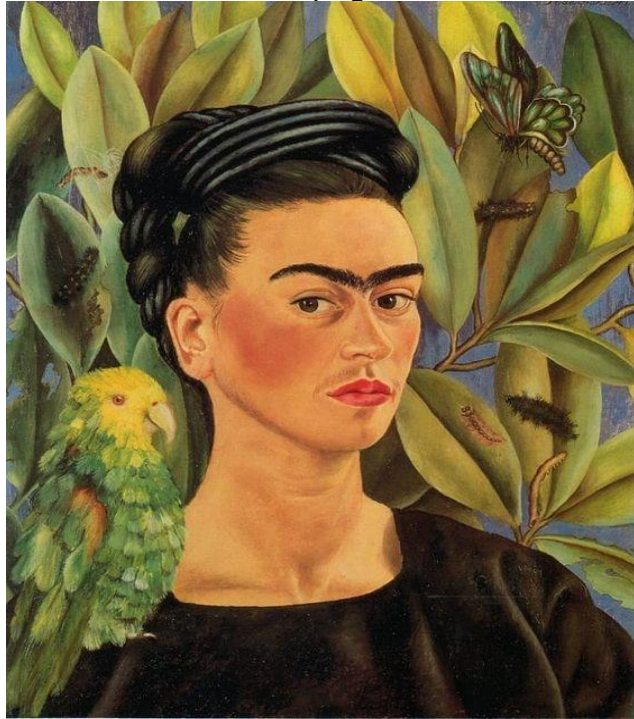
Figura 5: A coluna partida. 1944



Fonte: <https://aneilef.medium.com/a-coluna-partida-de-frida-kahlo-2c10be8aa48e>

A artista Frida Kahlo sempre manteve sua imagem pessoal em suas obras, colocando em destaque suas raízes mexicanas, momentos do seu cotidiano e vida pessoal, não tinha medo de revelar suas fragilidades. De acordo com Kettenmann (2006 apud MEDEIROS 2016) os autorretratos pintados por Frida, podem ser divididos em dois grupos, cada um com suas especificidades. A maioria deles se enquadra em um recorte só do rosto ou na altura do busto, se focando mais na exploração da identidade mexicana. E aqueles em que ela se retrata de corpo inteiro geralmente se voltam para narrativas de acontecimentos de sua vida.

Figura 6: Autorretrato com Bonito Papagaio e Borboleta. Frida Kahlo. 1941



Fonte: <https://arteeartistas.com.br/autorretratos-de-frida-kahlo/>

Outra das obras mais cativantes de Frida Kahlo é o seu "Autorretrato na Fronteira EUA-México". Uma pintura rica em detalhes e simbolismo, retratando duas realidades presentes em sua vida. A esquerda está a representação de sua terra natal, o México. Nele ela retrata com flores e artefatos mexicanos passando uma energia de ambiente natural, orgânico, e profundamente ligado à tradição e à terra. Já a direita há uma representação da industrialização dos Estados Unidos, um país que Kahlo percebia como rígido e artificial. A paisagem é dominada por fábricas e máquinas, simbolizando o progresso tecnológico e a modernidade. Para ela os Estados Unidos representavam uma ruptura com a natureza e a cultura rica que ela tanto valorizava em seu país.

Figura 7: Autorretrato na Fronteira EUA-México



Fonte: <https://arteeartistas.com.br/autorretratos-de-frida-kahlo/>

Frida Kahlo encontrou na dor e no cotidiano uma fonte de inspiração única. Seus inúmeros autorretratos são testemunhos vibrantes de sua paixão pela vida, expressando um turbilhão de sentimentos em cada detalhe, celebrando sua vida com cores vibrantes e flores. As roupas diferenciadas usadas por Frida não eram apenas uma questão de estilo, mas uma forma de expressão pessoal e de enfrentamento de sua doença. Frida também tinha uma grande paixão por flores, o que se refletia em seus penteados adornados.

Essa abordagem de Frida Kahlo exemplifica a maneira de como diferentes artistas costumavam fazer seus autorretratos, capturando não apenas sua aparência física, mas também sua história, emoções e experiências. No entanto, como observa Benevides (2016), atualmente com o autorretrato contemporâneo vai além dessa representação tradicional, adotando formas tridimensionais e conceituais que desafiam as fronteiras entre a realidade e a imaginação. Atualmente os artistas não estão apenas focados em representar sua imagem física e emocional, mas estão experimentando novas formas de expressão que vão muito além da tela bidimensional. Por exemplo, hoje em dia podemos criar um autorretrato de diversas maneiras, dentre as mais conhecidas estão: fotografias, esculturas, pinturas, arte digital, colagem, assemblage e outras técnicas como instalação, performances.

Frida Khalo apesar de utilizar a linguagem da pintura em seus autorretratos a vejo muito contemporânea, pois diferente dos artistas que se autorretratavam na época, ela trazia em suas obras um contexto histórico, emocional que interagiam com sua imagem, mostrando o que sentia e pelo que estava passando no momento retratado.

2.2 O AUTORRETRATO REVELA MARCAS DE REFLEXÃO DO ARTISTA SOBRE SI MESMO: OUTROS MESTRES QUE ME INSPIRAM...

Ao falar de autorretratos de atualidade podemos citar o Vik Muniz (Vicente José de Oliveira Muniz), artista brasileiro nascido em 1961, em São Paulo. Muniz começou sua carreira como escultor, mas foi na fotografia que encontrou sua principal forma de expressão. Depois de estudar Publicidade e Propaganda na FAAP, Vik Muniz decidiu seguir um caminho mais artístico e se mudou para os Estados Unidos no começo dos anos 80. Ele passou um tempo em Chicago, mas foi em Nova York que as coisas realmente começaram a acontecer para ele. Lá, abriu um ateliê e logo suas obras chamaram a atenção, sendo publicadas em grandes veículos, como o New York Times. Essa visibilidade foi um ponto de virada, ajudando a levar seu trabalho para o mundo todo. Aos poucos, seus quadros começaram a ser exibidos em museus renomados ao redor do globo, e ele foi ganhando o reconhecimento que merece, consolidando sua carreira internacional.

Muniz cria autorretratos utilizando uma variedade de materiais e objetos encontrados, incluindo sucata, fragmentos de fotografias e outros materiais diversos. Seu trabalho desafia as percepções tradicionais da arte e da identidade, explorando a relação entre o material e o conceito, ampliando os limites da criatividade e da expressão pessoal. De acordo com Modesto (2019), Muniz utiliza elementos como açúcar, chocolate, doce de leite, catchup, gel para cabelo e até mesmo lixo para criar suas composições, enquanto a fotografia serve como recurso principal de seu processo criativo. Geralmente ele fotografa uma imagem e depois interfere em cima dela.

Em sua obra "MUNIZ, Vik. Autorretrato" de 2009 ele fez seu autorretrato utilizando recortes de revistas e depois fotografou.

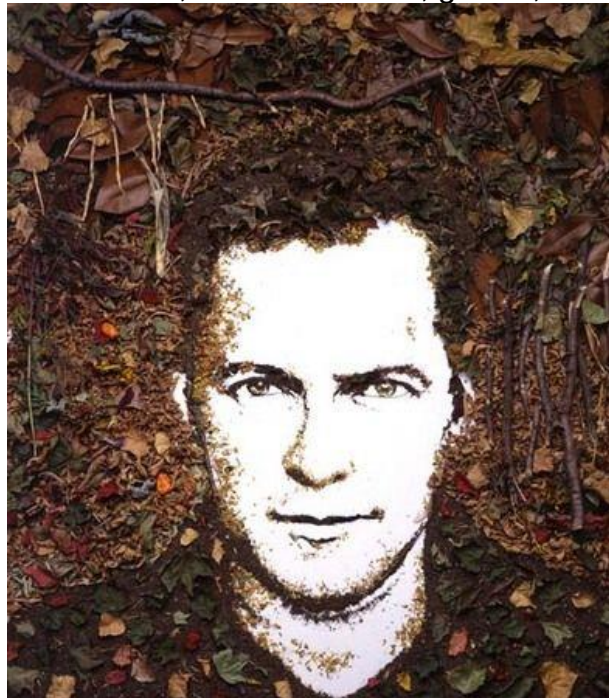
Figura 8: Vik Muniz | Auto retrato em mosaico feito com recortes de revistas.



Fonte: <https://arteref.com/arte-do-dia/vik-muniz-engajamento-social-atraves-de-uma-arte-inovadora/>

Em seu outro autorretrato “Vik Muniz. “Autorretrato, feito com folhas, galhos, terra e sementes”. Muniz emprega folhas, galhos, terra e sementes para compor sua própria imagem. Essa escolha de materiais naturais adiciona uma camada adicional de significado à obra, sugerindo uma conexão com a terra e a natureza.

Figura 9: Vik Muniz. “Autorretrato, feito com folhas, galhos, terra e sementes”



Fonte: <http://www.artenarede.com/vik-muniz-reflexos-e-versos/>

Outra artista atual é Cindy Sherman, nascida em 1954 em New Jersey (Estados Unidos), utiliza a fotografia em seus autorretratos explorando questões de identidade, gênero, mídia e cultura popular, utilizando ela mesma como modelo.

Segundo Auler (2016) Cindy Sherman, teve seu primeiro contato com a fotografia aos dez anos, quando ganhou uma Brownie Câmera de seu pai e começou a fotografar seus amigos. Inicialmente inclinada ao desenho, Sherman decidiu estudar artes na State University of New York, em Buffalo, onde se dedicou a desenhos e pinturas realistas. No entanto, ao perceber que suas obras eram apenas cópias, ela concluiu que o lápis e o pincel não eram as ferramentas ideais para sua expressão artística. E foi assim que ela começou a utilizar a fotografia para se autorretratar.

Sherman começou a chamar a atenção nos anos 70 e 80 com sua série mais famosa "Untitled Film Stills". Nessa série, ela recria cenas, interpretando diferentes tipos de mulheres, desde donas de casa até estrelas de cinema. Ela faz tudo: dirige, atua e fotografa. Com isso, suas obras não falam apenas dela mesma, mas fazem uma reflexão sobre como as identidades femininas são moldadas e percebidas na sociedade.

Figura 10: Cindy Sherman – Untitled Film Stills #21, 1978



Fonte: <https://artlead.net/journal/modern-classics-cindy-sherman-untitled-film-stills/>

Figura 11: Cindy Sherman – Untitled Film Stills #03, 1977



Fonte: <https://artlead.net/journal/modern-classics-cindy-sherman-untitled-film-stills/>

Atualmente Sherman utiliza o Instagram para se autorretratar. De acordo com Torezan (2020) na trajetória artística de Cindy Sherman, desde suas primeiras fotografias analógicas em preto e branco até sua transição para a produção digital no Instagram, observamos uma evolução para além da simples fotografia. Ela utiliza recursos digitais, como filtros de rosto, porém ainda continua a explorar questões sociais, culturais e estéticas, expandindo as possibilidades de reflexão. Sua obra transcende os limites físicos dos museus e livros, alcançando uma audiência ainda maior na internet.

Figura 12: Perfil @cindysherman



Fonte: Instagram

Ao ser compartilhada online, suas imagens promovem uma interação social ampliada. Nessa dualidade entre o real e a encenação, Sherman mantém sua intenção de questionar os estereótipos femininos.

Figura 13: Perfil @cindysherman



Fonte: Instagram

Outra artista que trago em minha pesquisa é Yayoi Kusama, de origem japonesa nasceu em 1929 e é uma das figuras mais influentes da arte contemporânea. Sua arte é marcada por padrões repetitivos de “bolinhas” que se tornaram sua marca registrada. Ela utiliza diferentes técnicas como a pintura, escultura, arte performática e instalações. Kusama começou a criar desde jovem, usando a arte como uma forma de lidar com suas alucinações e transtornos mentais. Segundo Salomão (2024) uma das características mais distintivas do trabalho de Yayoi Kusama é sua fascinação por padrões repetitivos, especialmente os pontos.

Embora Kusama não faça autorretratos no sentido tradicional, ela incorpora sua própria imagem e identidade de uma maneira muito única. Suas famosas instalações chamadas de "Infinity Mirror Rooms", por exemplo refletem como ela vê o mundo e expressa seu estado mental de uma forma muito profunda.

Figura 14: Infinity Mirror Rooms



Fonte: <https://travel.kompas.com/read/2022/03/25/180500027/museum-macan-buka-lagi-infinity-room-yayoi-kusama-simak-aturannya>

Suas instalações, como as conhecidas salas espelhadas, oferecem ao público uma experiência imersiva e sensorial.

Figura 15: Infinity Mirror Rooms



Fonte: <https://www.theartnewspaper.com/2019/03/28/the-hirshhorn-acquires-a-reconfiguration-of-yayoi-kusamas-first-infinity-mirror-room>

De acordo com Paulino (2024) Yayoi Kusama cita:

“Minha arte é a expressão da minha vida, em especial da doença mental originária das alucinações que eu posso ver e sentir. Minhas obras são traduzidas pelas alucinações e imagens obsessivas que me atormentam em forma de esculturas e pinturas. Todos os meus trabalhos são produtos da neurose obsessiva e, portanto, intrinsecamente ligados à minha doença. Crio peças, mesmo quando não vejo alucinações” (Yayoi Kusama)

Ela frequentemente explica que suas obras refletem sua batalha interna contra ansiedades e obsessões, particularmente em relação à ideia de infinitude.

3. NO RETRATO ME FAÇO PASSO A PASSO: RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.

Recentemente realizei meu estagio obrigatório da 7ª fase em uma turma do 2º ano do ensino médio na escola EEB Luiz Tramontin, em Forquilha- SC. Nele explorei o conceito de memória e identidade por meio de diversas atividades. Essas práticas não apenas incentivaram os alunos a refletirem sobre suas próprias histórias, mas também estabeleceram uma ligação direta com o tema “autorretrato”, que é o foco dessa pesquisa.

Assim como o autorretrato é uma expressão visual e pessoal do artista, as atividades que desenvolvi com os alunos também os incentivaram a se expressarem e se verem através de suas memórias. Através das memórias, meu trabalho se tornou um autorretrato contemporâneo.

A primeira proposição que fiz aos alunos foi baseada em artistas renomados que exploram memórias e afetos em suas obras, como Vincent Van Gogh, Frida Kahlo, Edvard Munch e Chiharu Shiota. Expliquei como esses artistas usam suas experiências pessoais para criar obras profundamente conectadas à sua identidade. Em seguida, convidei os alunos a explorar a escola em busca de objetos ou cenários que evocassem memórias ou emoções significativas para eles.

Durante essa atividade, os alunos utilizaram um rolo de linha, amarrado na porta da sala de aula como ponto de partida, para conectar fisicamente os espaços

da escola às suas lembranças. Eles registraram suas reflexões em post-its, que foram fixados na linha ao longo do percurso. Essa caminhada reflexiva permitiu que os alunos dialogassem sobre suas memórias de forma orgânica e interativa, estabelecendo uma conexão entre suas vivências e o espaço escolar.

Essa atividade reflete a essência do autorretrato em seu sentido mais profundo. Assim como no autorretrato, onde o artista busca representar aspectos de sua identidade e experiências pessoais, essa atividade permitiu que os alunos externalizassem e visualizassem suas próprias histórias e afetos.

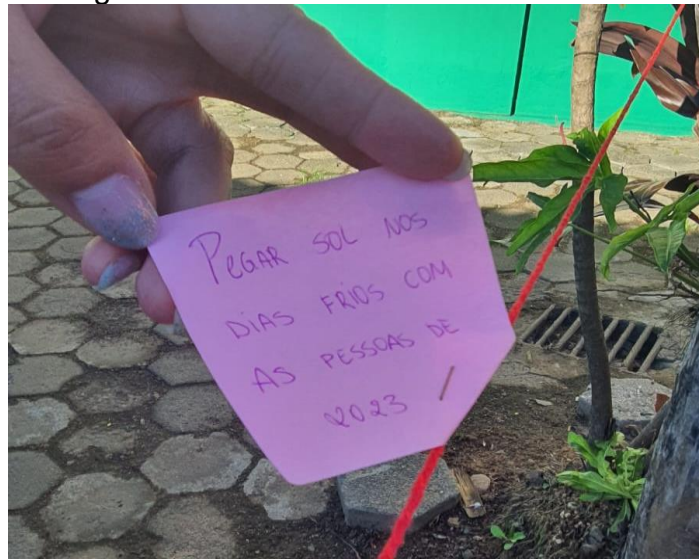
Figura 16: Emaranhado de fios vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

O uso do rolo de linha, que conectava a sala de aula a diferentes pontos da escola, simboliza a forma como nossas experiências e memórias estão interligadas, formando um fio condutor que compõe a nossa identidade.

Figura 17: Emaranhado de fios vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Da mesma forma que um autorretrato revela fragmentos da alma do artista, essas linhas conectaram os alunos a momentos significativos de suas vidas, criando um "autorretrato coletivo" da turma, onde cada participante contribuiu com suas próprias memórias.

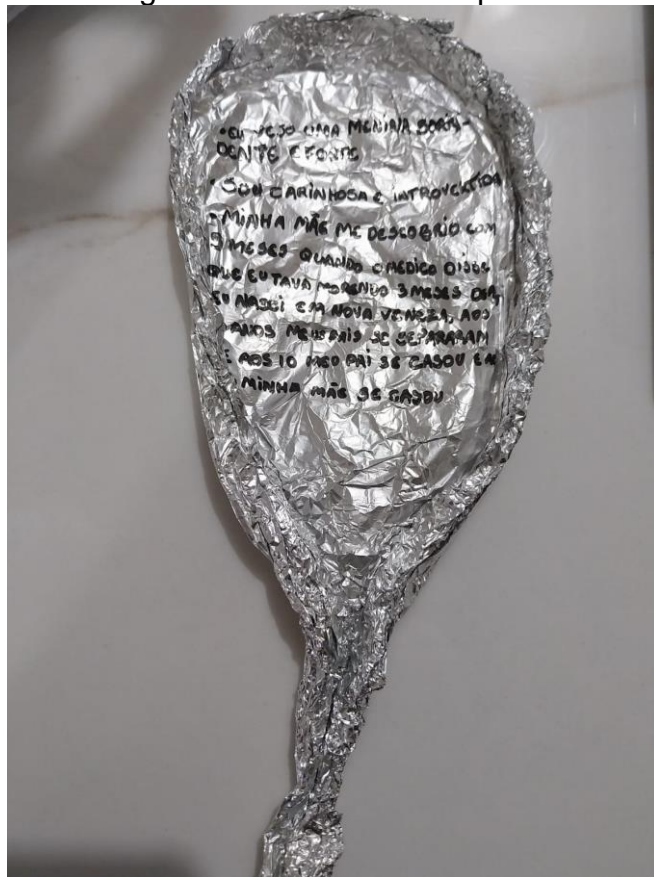
Figura 18: Emaranhado de fios vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

No segundo dia, assistimos a cenas do filme *Alice Através do Espelho* e discutimos sobre a personalidade dos personagens principais e como as cores e a imagem refletida de Alice mudavam ao atravessar o espelho. Essa discussão levou os alunos a refletirem sobre suas próprias identidades e como são percebidos uns pelos outros. Posteriormente, eles criaram espelhos personalizados utilizando papel alumínio, mas esses espelhos não eram apenas objetos decorativos; eles foram transformados em ferramentas de autoconhecimento.

Figura 19: Reflexos do espelho

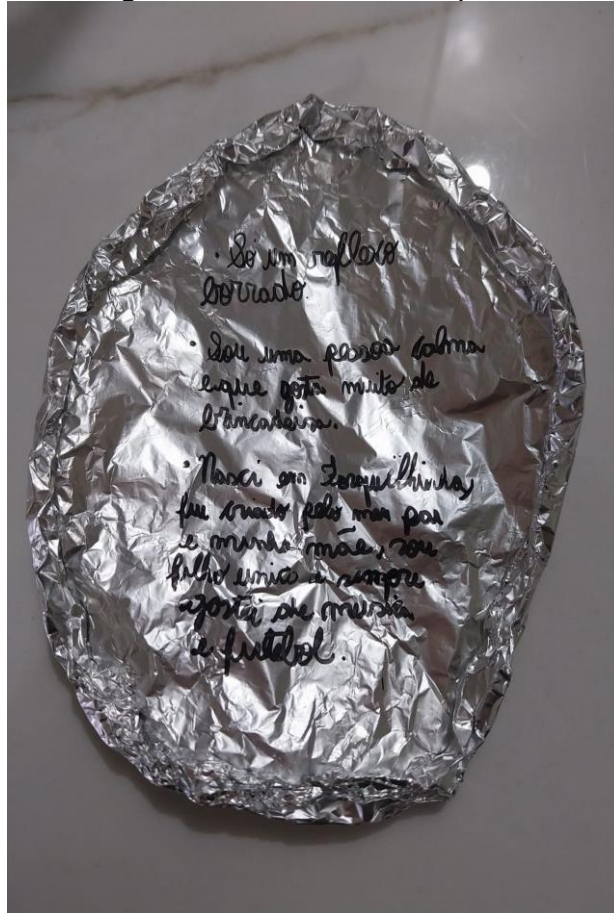


Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Cada aluno foi encorajado a olhar para dentro de si e a responder perguntas fundamentais, como: "O que você enxerga quando se olha no espelho? Qual a sua essência? Qual a sua história?"

Essa atividade não apenas incentivou os alunos a explorarem a maneira como se veem, mas também como se expressam visualmente, uma essência do autorretrato.

Figura 20: Reflexos do espelho



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Por fim, no terceiro e quarto dia, os alunos criaram "caixas de memórias", na qual as confeccionaram e reuniram objetos como: fotos, bilhetes, desenhos e textos com narrativas pessoais, que marcaram suas vidas e fazem parte de quem eles são. Ao revisitar e compartilhar suas memórias, os alunos não só trouxeram à tona partes importantes de suas identidades, como também transformaram essas lembranças em uma forma de autorretrato contemporâneo.

A inspiração para essa atividade veio das aulas que tive com a professora Odete Angelina Calderan, que sempre valorizou a importância das memórias e da identidade no processo de ensino. Em uma de suas aulas, participei da exposição "Dentro Fora", onde criamos uma caixa que refletia acontecimentos tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Ao desenvolver essa atividade com os alunos, percebi que, assim como um autorretrato visual revela a identidade do artista, a "caixa de memória" criada por cada aluno também funcionava como uma espécie de autorretrato. Cada objeto, foto, bilhete e texto inserido na caixa representava uma parte da história pessoal dos alunos, transformando suas memórias em uma expressão concreta de sua identidade. Essa atividade reforçou a ideia de que o autorretrato pode ir além da representação física, explorando camadas mais profundas de quem somos através das memórias e experiências que carregamos.

Essas criações são mais do que simples objetos; são testemunhos das vivências de cada aluno, transformadas em uma forma de arte coletiva que celebra suas individualidades e experiências compartilhadas.

Figura 21: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Cada caixa de memória se tornou uma representação única e visual de suas trajetórias, mostrando que o autorretrato vai além de uma simples imagem. Ele pode se manifestar através de objetos, memórias e afetos que, juntos, compõem a complexa narrativa de quem somos. Assim como no autorretrato tradicional, onde o artista reproduz e reflete sua imagem, os alunos, através de suas caixas de memória, criaram um reflexo íntimo e simbólico de sua própria personalidade e vida, transformando suas experiências em arte.

Ao explorar a escola em busca de espaços e objetos significativos, ou ao criar espelhos personalizados e caixas de memória, os alunos estavam, de certa forma, criando "autorretratos" de suas vidas e experiências.

Figura 22: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Acredito que essas atividades enfatizaram a ideia de que o autorretrato, seja ele feito através de uma pintura, instalação ou outro meio, é uma poderosa ferramenta de autocompreensão e expressão, capaz de revelar tanto a essência quanto as complexidades da identidade de uma pessoa.

Figura 23: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Assim, o estágio serviu como um campo de prática onde conceitos teóricos sobre identidade e autorrepresentação puderam ser explorados e conectados à prática artística contemporânea. As fotos abaixo são algumas das obras feitas pelos estudantes.

Figura 24: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

[...] a memória, além de ser um processo psicológico fundamental que tem relação direta com a identidade, traz múltiplas possibilidades, como: resistir ao tempo acelerado que torna as experiências cada vez mais fugazes; favorecer o relacionamento entre professor-aluno; e oportunizar aulas estudantes. mais conectadas às realidades dos estudantes. (Citadin, 2019, p.50)

De acordo com Rauen e Momoli (2015) ao trabalhar o autorretrato com base na percepção e na observação, acompanhados de momentos de reflexão sobre quem somos ou fomos em diferentes fases da vida, cria-se um espaço para que cada indivíduo compreenda melhor sua própria condição e as escolhas que fez ao longo do tempo. Esse processo reflexivo não só aprofunda o autoconhecimento, mas também contribui de maneira significativa para a construção e fortalecimento de sua identidade. Sendo assim, ao integrar atividades que promovam a introspecção e a autorreflexão, como a criação de autorretratos e a exploração de memórias pessoais, o ambiente educacional se torna mais enriquecedor e significativo.

Figura 25: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Para finalizar este capítulo, é importante destacar os aspectos positivos que observei nas práticas dos alunos durante as atividades feitas no estágio. Ao longo

dessas atividades, pude perceber que os alunos começaram a desenvolver uma percepção mais profunda de si mesmos e de suas identidades. Eles não apenas exploraram suas memórias e sentimentos, mas também se envolveram em um processo de autoconhecimento que os ajudou a refletir sobre quem são e como são vistos pelos outros.

Por exemplo, uma das alunas, Maria, inicialmente se mostrou resistente às atividades, afirmando que não tinha memórias significativas para compartilhar. No entanto, ao longo dos dias, ela começou a se abrir e, durante a criação da "caixa de memória", incluiu uma foto antiga com seu pai que havia falecido recentemente. Ao falar sobre essa foto, Maria se emocionou e refletiu sobre o impacto que seu pai teve em sua vida e como as memórias dele moldaram parte de sua identidade. Esse momento foi muito significativo, pois evidenciou como as atividades propostas não apenas promoveram uma reflexão sobre o passado, mas também incentivaram um diálogo sobre afetos e experiências que definem quem somos.

Outro exemplo foi o aluno Pedro, criou um autorretrato em forma de texto. Escrevendo uma narrativa que descrevia quem ele é utilizando memórias de infância, sentimentos e experiências pessoais para compor uma espécie de "retrato literário". Me lembro vagamente de uma parte do texto que Pedro relatou, eram suas lembranças de quando passava o fim de semana no sítio dos avós, o som que um pássaro específico cantava logo de manhã cedo, o cheiro de bolo de milho da sua avó que o fazia sentir-se em casa. E o tempo que passava com seu avô cuidando dos animais. Ele explorou como essas memórias moldaram sua percepção de si mesmo e como elas influenciaram suas escolhas e sua visão de mundo. Ao compartilhar seu autorretrato em forma de texto com a turma, Pedro conseguiu não só expressar suas memórias de maneira autêntica, mas também entender melhor as partes da sua identidade que são formadas por suas experiências e sentimentos. Essa abordagem permitiu-lhe refletir profundamente sobre quem ele é, destacando a riqueza do autorretrato como ferramenta de autoconhecimento.

Figura 26: Caixa de memórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024)

Através dessas experiências, ficou claro que as atividades desempenharam um papel crucial na construção de um autorretrato contemporâneo para cada aluno. Em conclusão, essas práticas pedagógicas mostraram-se eficazes não apenas como atividades educativas, mas também como ferramentas poderosas para o desenvolvimento da auto percepção e do autoconhecimento. Ao incentivá-los a olhar para dentro de si mesmos, os alunos foram capazes de entender melhor suas próprias histórias, valores e identidades. Essa foi, sem dúvida, uma das conquistas mais gratificantes deste estágio, reforçando a ideia de que o ensino da arte pode ser uma ponte poderosa para o autoconhecimento e a autoexpressão.

4. A IMPORTANCIA DE TRABALHAR O AUTORRETRATO: UMA ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalhar o autorretrato no ambiente escolar é muito mais do que apenas uma atividade de arte ou retratar a aparência física; trata-se de um convite para os estudantes explorarem profundamente sua própria identidade e refletirem sobre seu lugar na sociedade. Essa prática permite que os alunos se confrontem com questões de autoconhecimento, autoconsciência e autoaceitação, promovendo não só habilidades técnicas, mas também o desenvolvimento pessoal e emocional. Essa atividade também favorece o diálogo sobre diversidade, respeito às diferenças e valorização das individualidades, ao mesmo tempo em que encoraja os jovens a se verem como parte integrante de um contexto maior, reconhecendo a complexidade de sua própria identidade.

Neste capítulo, será feita análises de experiências e abordagens sobre o autorretrato. Através de quatro análises de práticas realizadas no ambiente escolar, será demonstrado como o autorretrato pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da identidade e na autorrepresentação dos estudantes. Essas análises evidenciam como o autorretrato pode facilitar uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo ao redor, além de promover conexões afetivas e empáticas entre alunos e professores. Vamos então para a primeira análise intitulada:

A Prática do Autorretrato: um momento de reflexão e construção da identidade

Esse relato vem da pesquisa de campo feita por Rauen e Momoli (2015) realizada no distrito de Taquara Verde, município de Caçador, SC, onde foram conduzidas oficinas artísticas com um grupo de pessoas de diferentes idades, nos dias 16 e 17 de setembro de 2014. As oficinas, com duração de quatro horas por encontro, tiveram como objetivo central comprovar que é possível trabalhar questões identitárias por meio da autorrepresentação.

O objetivo dessas oficinas foi mostrar que a autorrepresentação pode servir como um meio para trabalhar a identidade. Desde o início, os participantes foram

convidados a refletir sobre quem são e a explorar suas experiências internas. Inspirados pelas obras de Rembrandt, eles foram encorajados a reconhecer as inúmeras possibilidades de construir sua própria imagem, entendendo que a identidade sempre está em construção e transformação.

Figura 27: Autorretrato com 23 anos, 1629, óleo sobre madeira



Fonte: Rauen e Momoli (2015)

Durante as oficinas, ao criar autorretratos, os participantes tiveram acesso diversos tipos de materiais, permitindo-lhes escolher aqueles que mais agradavam. Enquanto trabalhavam em seus retratos, temas como identidade, autoestima e a percepção da própria imagem no espelho surgiram naturalmente nas conversas. Foi nesse ambiente de troca e reflexão que muitos participantes começaram a se ver de uma nova maneira. Houve um reconhecimento coletivo de que a arte não é apenas uma forma de expressão, mas um espelho que reflete e, ao mesmo tempo, redefine a nossa imagem interior e exterior.

Essas oficinas trouxeram a arte não apenas como uma forma de expressão, mas como um espaço de encontro e transformação pessoal. Serviu como um meio de valorização, fazendo os participantes se conectar consigo mesmo e com os outros. O autorretrato foi um momento de descoberta e empoderamento em que cada um pôde projetar e idealizar sua própria imagem de maneira única.

Rauen e Momoli (2015) apontam que ao incentivar a produção de autorretratos, estamos apoiando os alunos no desenvolvimento de uma maior consciência de si mesmos e na construção ou afirmação de suas identidades. Essa prática visa promover uma autorreflexão, permitindo que os alunos se reconheçam como indivíduos únicos, capazes de transformar tanto a si mesmos quanto o mundo ao seu redor. Capacitando os alunos a se tornarem agentes ativos na construção de uma sociedade mais autêntica e significativa.

Este estudo contribuiu significativamente para o campo da educação artística, evidenciando como práticas de autorrepresentação podem ser integradas em programas educacionais para o desenvolvimento pessoal e estimular uma reflexão mais profunda sobre a própria identidade.

A segunda análise que apresento, tem como título:

Autorretrato através do desenho

Aqui trago uma experiência de estágio experienciada por Modesto (2019) da Universidade Federal de Juiz de Fora, que explora o uso da arte, especificamente através do autorretrato, atuando como uso de desenvolvimento pessoal e a ampliação do repertório artístico e cultural dos alunos. O projeto didático, implementado com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professor Franco da Rosa de Minas Gerais, tinha como objetivo apresentar aos alunos alguns artistas e seus autorretratos, incentivando-os a reconhecer e refletir sobre as expressões emocionais, faciais e os sentimentos retratados nas obras de arte. Ao aprender a observar e interpretar as expressões faciais nos autorretratos, as crianças foram encorajadas a se auto-observar e prestar mais atenção em si mesmas.

O desenho, uma atividade já apreciada pelos alunos, foi a prática central do projeto. Desde cedo, as crianças demonstram interesse por desenhar, e isso foi utilizado como ponto de partida para o desenvolvimento do projeto. No entanto, a abordagem foi além do tradicional uso do lápis e papel: considerando a popularidade e o fácil acesso às tecnologias digitais, como smartphones, foi incorporada a prática das selfies. A ideia era conectar a prática contemporânea das selfies com a tradição

artística do autorretrato, oferecendo uma ponte entre o antigo e o novo, o analógico e o digital.

O projeto foi dividido em duas aulas. Na primeira aula, houve uma introdução à história do autorretrato, sobre os primeiros autorretratos até chegar nos autorretratos dos dias atuais. Em seguida, os alunos foram apresentados a diferentes artistas e seus autorretratos, discutindo tanto as características físicas quanto as emocionais das obras. Na segunda aula, cada aluno foi convidado a tirar uma selfie e utilizá-la como base para criar um autorretrato com lápis de cor ou giz de cera, explorando sua própria imagem e expressão pessoal.

O processo avaliativo foi colaborativo e envolveu a análise dos autorretratos pelos próprios colegas, com a mediação da professora. Cada aluno discutiu o que priorizou em seu autorretrato como características físicas ou psicológicas e as diferenças e semelhanças observadas entre a selfie e o desenho. Essa fase de avaliação ajudou a promover um ambiente de crítica construtiva e autodescoberta, onde cada aluno pôde aprender não só sobre si mesmo, mas também sobre os outros.

Os resultados do projeto foram bastante positivos. Os alunos mostraram-se produtivos, não apenas na execução das atividades, mas também como criadores de novas informações, construindo imagens de si mesmos de maneiras inovadoras. As discussões e interpretações das imagens revelaram que as crianças percebem o mundo ao seu redor de maneira diferente dos adultos, muitas vezes captando aspectos e características que passam despercebidos por olhares mais maduros.

Figura 28: Intervenção didática sobre autorretrato



Fonte: Modesto (2019)

Figura 29: Intervenção didática sobre autorretrato



Fonte: Modesto (2019)

Além disso, o projeto despertou o interesse dos alunos pelo desenho, pela arte e pelas possibilidades de transformação e abstração a partir de elementos concretos. A capacidade de representar fielmente suas impressões do mundo e manifestar seus sentimentos e expressões faciais de forma artística foi uma experiência enriquecedora para os alunos, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e para uma compreensão mais profunda de sua própria identidade.

Por meio do desenho, a criança tem a oportunidade singular de expressar aspectos relacionados com o seu cotidiano, à sua vida em sociedade e acontecimentos. E por ele, é testemunhada sua visão de mundo, seus sentimentos, suas expectativas diante do aprendizado e da vida como um todo. Por outro lado, no processo de observação, é possível que o professor ou a professora construa vínculos com ela, podendo averiguar e perceber como a criança vê e interpreta o mundo através do desenho. (MODESTO, 2019, p. 5)

O desenho torna-se não apenas uma expressão artística, mas também um meio de estimular o autoconhecimento e o fortalecimento de laços dentro da sala de aula. Através do desenho, a criança não apenas comunica suas experiências e expectativas, mas também explora sua identidade e suas emoções de forma segura e criativa. Para o professor, o ato de observar esses desenhos é uma oportunidade de construir vínculos com os alunos, compreendendo melhor como cada um interpreta o mundo ao seu redor. Conclui-se que essa experiência reforça o valor e a importância do ensino de arte nas escolas, mostrando que práticas artísticas como o autorretrato, podem ser um poderoso meio para o autoconhecimento, a expressão pessoal e o desenvolvimento da identidade.

Apresento, a seguir, a terceira análise deste capítulo:

O AUTORRETRATO NA SALA DE AULA: Práticas de educação antirracista na infância.

Esse artigo foi elaborado por Trindade (2022) e apresentado no CONGRESSO SER NEGRA destaca uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da UFRRJ, com o apoio do Grupo de Pesquisa Afrosin. Orientado pelo Dr. Renato Nogueira, o estudo intitulado "Artes, Saberes e Fazeres na Educação Infantil: Educando para as Relações Étnico-raciais?" teve como foco principal a exploração do racismo na infância, especialmente em ambientes de educação infantil.

A pesquisa foi motivada pela necessidade de investigar a presença do racismo desde os primeiros anos de vida escolar e de tornar visíveis as experiências e aprendizagens das crianças através de oficinas de arte. O estudo buscou entender

como o racismo se manifesta entre as crianças e como elas se percebem dentro desse contexto. O estudo foi fundamentado em teóricos renomados como Munanga, Cavalleiro, Nunes, Noguera, Ana Mae, e Lavelberg, oferecendo uma base sólida para a análise das relações étnico-raciais.

A pesquisa foi realizada com 25 crianças pequenas do pré-escolar, da turma E.I.-41, no CIEP Municipal do Rio de Janeiro. É importante ressaltar que ela foi conduzida na escola onde a autora trabalhou, durante os anos de 2017 a 2019.

O procedimento metodológico adotado teve como destaque a escuta das crianças e a prática do autorretrato. Utilizando uma abordagem qualitativa, a coleta de dados e as narrativas das crianças tornaram-se elementos centrais do estudo. Durante essas escutas, foram identificadas manifestações de discriminação e preconceito em algumas narrativas e cenas expressas pelas crianças do grupo. Termos como exemplo "cabelo duro", "neguinho", "nego preto", "nega feia" e "macaquinho" evidenciam que ofensas racistas fazem (e fizeram) parte do cotidiano escolar.

Em seguida foi posto em prática o autorretrato, utilizado como uma ferramenta pedagógica para estimular a autoidentificação étnico-racial. As crianças foram incentivadas a se desenharem após se observarem no espelho, o que permitiu um espaço de reflexão sobre a própria identidade. Esse processo de autorrepresentação revelou não apenas a criatividade das crianças, mas também a maneira como elas se viam e se valorizavam.

Um exemplo comovente é o relato de Heitor, uma criança que, após se desenhar, afirmou orgulhosamente: "Eu sou um negro lindo!" e depois acrescentou uma coroa ao seu desenho, dizendo:

"Eu sou um príncipe!" Esse momento ilustra o impacto positivo que o autorretrato utilizado como forma de valorização da identidade racial pode ter no desenvolvimento da autoestima das crianças.

Figura 30: O autorretrato do Heitor



Fonte: Trindade (2022)

Através dessa pesquisa foi possível experimentar como as crianças compreendem e vivenciam o racismo no ambiente escolar. E juntamente com o autorretrato, as crianças puderam explorar e expressar sua identidade de forma criativa, proporcionando um espaço seguro para que elas pudessem refletir sobre si mesmas e suas características únicas.

[..] vimos no autorretrato uma importante ferramenta artística, e um aprendizado riquíssimo no qual as crianças necessariamente terão através da identificação étnico-racial. Por isso, evidencio este momento uma prática docente da minha vivência como arte - educadora que acredito ser inerente ao estudo e bem relevante, e que de algum modo foi uma grande influência para que esse diálogo possa existir, provocar reflexões e influenciar outros educadores que assim como nós, lutam para a desconstrução do racismo. (TRINDADE, 2022.p 7)

O autorretrato, portanto, foi um meio de promover a autoexpressão, a autopercepção e a valorização da diversidade. Reforçando a importância de uma identidade positiva e afirmativa desde a infância. Assim, este projeto destacou o papel crucial que a arte pode desempenhar na construção de um ambiente escolar

inclusivo, que reconhece e valoriza todas as identidades e promove o respeito e a igualdade desde cedo.

Encerrando então as análises, a quarta e última experiência analisada tem com título:

Autorretrato e o olhar de si

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Melo (2022) do curso de artes visuais- licenciatura da Universidade de Brasília, explora as reflexões em torno do autorretrato e da autoimagem, investigando como o autorretrato se desenvolveu ao longo da história da arte e suas implicações na autorrepresentação do sujeito. A pesquisa foi realizada na escola CEF Polivalente, com turmas do 8º ano, na escola Centro de Ensino Fundamental Polivalente, em Brasília, e teve como proposta incentivar os alunos a refletirem sobre sua própria identidade e a se autorrepresentarem por meio de técnicas variadas, como colagem, desenho a grafite e o uso de lápis de cor. O objetivo dessa atividade foi promover uma reflexão sobre a autoimagem e a subjetividade dos estudantes.

Inicialmente, a autora apresentou aos alunos o conceito de autorretrato, destacando suas possibilidades de autorreflexão. Foram utilizados exemplos de artistas renomados, como Rembrandt e Van Gogh, para demonstrar como o autorretrato pode revelar aspectos profundos da personalidade e do estado emocional do artista, indo além de uma simples representação física. Essa introdução foi fundamental para criar um contexto teórico e visual que preparou os alunos para o exercício prático.

Após essa contextualização, foram disponibilizados diversos materiais, como papel, revistas para recorte e colagem, lápis de cor, entre outros, para que os alunos pudessem escolher a técnica que mais se identificasse com sua forma de expressão. Observou-se que muitos alunos se sentiram desafiados pelo exercício; alguns demonstraram incerteza sobre como se autorrepresentar de maneira que expressasse sua individualidade. Para auxiliar esses alunos, sugeriu-se que utilizassem imagens das revistas que pudessem representar aspectos de sua identidade ou elementos simbólicos com os quais se identificassem.

Os resultados dos trabalhos foram bastante diversos, alguns alunos optaram por utilizar colagens, enquanto outros, preferiram desenhos a grafite e lápis de cor. Houve uma variação significativa nas abordagens dos alunos em relação ao autorretrato. Alguns buscaram uma representação mais fiel à sua imagem física, enquanto outros exploraram a combinação de elementos simbólicos com sua imagem ou abandonaram completamente a representação visual de seus rostos, optando por expressões mais abstratas de sua identidade. A seguir, alguns exemplos das reflexões dos alunos sobre seus autorretratos:

- **Isabela, 13 anos:** "O meu autorretrato é um rato com saia, porque foi a forma que encontrei para expressar minha opinião sobre minha aparência de uma maneira engraçada. Mas eu não uso saia, só queria colocar uma roupinha."

Figura 31: – Sem título, Colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm



Fonte: Melo (2022)

- **Camila, 13 anos:** "Eu coloquei coisas que eu gosto: animais, viajar, fotografia e paisagens. Me identifico com essas coisas."

Figura 32: Sem título, Grafite e colagem sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm



Fonte: Melo (2022)

- **Verônica, 13 anos:** "Eu decidi fazer esse desenho porque acho que combina comigo. Tem meus traços, como a cor dos olhos e o formato da boca. Eu gosto muito de desenhar, mesmo que ainda não saiba muito bem."

Figura 33: Sem título, Colagem e nanquim sobre papel, 2019, 21 x 29,7 cm



Fonte: Melo (2022)

A análise dos trabalhos dos estudantes revelou diversas interpretações sobre o "olhar de si". Alguns alunos optaram por representar a si mesmos de forma mais fiel fisicamente, refletindo uma necessidade de serem reconhecidos e de se afirmarem como indivíduos dentro de um contexto social. Outros exploraram o autorretrato de forma menos convencional, mesclando desenho e colagem para criar representações mais complexas de sua identidade, adicionando elementos que refletiam aspectos emocionais e simbólicos.

Essa diversidade de abordagens evidencia como o autorretrato pode ser uma prática enriquecedora e desafiadora, que não apenas promove habilidades técnicas, mas também estimula uma reflexão profunda sobre a identidade e o autoconhecimento. A pesquisa demonstrou que, ao se confrontarem com a tarefa de autorrepresentar-se, os alunos foram incentivados a pensar criticamente sobre quem são, como se veem e como desejam ser vistos pelos outros.

“A execução do autorretrato pressupõe o exercício do artista de se autoanalisar. O processo de voltar-se para si implica no sentido que buscamos atribuir ao que somos e fazemos.” (MELO, 2022, p. 24).

Sendo assim, na educação, a gente precisa dar espaço para que cada um se desenvolva por inteiro, reconhecendo que cada aluno é importante não só para o que ele é, mas para o que ele pode se tornar e para o impacto que pode ter no mundo ao seu redor. A trajetória de vida de cada aluno tem um valor único e essência, eles não estão apenas inseridos como mais um número na sociedade, mas sim, ajudando a moldá-la e construí-la. Cada história e experiência na vida de um aluno é fundamental para o contexto em que a sociedade se torna.

Ao trazermos a prática do autorretrato para dentro da sala de aula, estamos oferecendo aos alunos um espaço para desenvolverem uma consciência mais profunda de si mesmos. Ao criar autorretratos, os estudantes têm a oportunidade de expressar suas emoções, experiências e perspectivas de vida, transformando a arte em uma ferramenta poderosa de expressão e reflexão. Eles aprendem a se ver como indivíduos únicos, explorando suas próprias histórias, aprendendo a moldar suas próprias jornadas e ao mesmo tempo, influenciar o mundo ao seu redor.

5. PROJETO DE CURSO

1. AUTORRETRATO NO ESPAÇO ESCOLAR

2. EMENTA:

A importância de trabalhar o autorretrato como uma prática artística e pedagógica que vai além da simples representação. O curso aborda como o autorretrato pode promover o autoconhecimento, a expressão individual e a compreensão da própria identidade. Propõe reflexões sobre diversidade, respeito e o papel do professor em incentivar práticas educativas que valorizam as individualidades dos estudantes.

3. CARGA HORÁRIA:

8 h/a

4. PÚBLICO-ALVO:

Estudantes de licenciatura em Artes Visuais

5. NÚMERO DE VAGAS:

25 vagas

6. OBJETIVOS:

6.1 Geral:

Capacitar os estudantes de licenciatura em Artes Visuais a utilizar o autorretrato como forma educacional, estimulando o autoconhecimento e a expressão artística em contextos escolares.

6.2 Específicos:

-Explorar o autorretrato como prática artística, identificando suas possibilidades expressivas e educacionais.

-Refletir sobre o papel do autorretrato no desenvolvimento da identidade e autoconhecimento dos alunos.

-Desenvolver atividades e projetos pedagógicos que integrem o autorretrato de forma significativa nas aulas de artes.

-Criar um repertório de técnicas e abordagens para o trabalho com autorretratos no ambiente escolar.

7. JUSTIFICATIVA: (fundamentada)

Este projeto busca capacitar futuros professores de Artes Visuais a compreenderem a importância do autorretrato na educação. Ao trabalhar o autorretrato em sala de aula, os educadores promovem uma experiência de autoconhecimento, expressão emocional e reflexão sobre a identidade dos alunos.

A linguagem do autorretrato como expressão pedagógica é uma maneira de autoexpressão e autorrepresentação; é um modo de firmar uma identidade e registrar sua presença. Representar, expor o rosto e refletir sobre a personalidade supõe uma marca individual que pode se estender ao grupo. A vivência possibilita ao discente aprender sobre modos de representações inseridos nos contextos artísticos, históricos, culturais e sociais. (AMARAL 2018, p.14)

Conforme discutido em minha pesquisa, o autorretrato não é apenas uma prática artística, mas um meio para que os estudantes explorem a si mesmos e suas relações com o mundo. Sendo assim, é fundamental que os licenciandos, compreendam as estratégias de ensino que permitem o desenvolvimento do indivíduo, incentivando um espaço escolar democrático e inclusivo, onde a diversidade e a complexidade da identidade humana sejam valorizadas.

8. METODOLOGIA E CRONOGRAMA:

Encontros	Horário	Metodologia
1º encontro-	2 h/a 19:00 às 21:00	Introdução ao Autorretrato: Apresentação teórica sobre o autorretrato, suas dimensões expressivas e pedagógicas. Discussão sobre sua importância no desenvolvimento da identidade e autoconhecimento. Atividade de leitura e reflexão sobre textos selecionados.
2º encontro-	2 h/a 19:00 às 21:00	Exploração Prática do Autorretrato: Atividade prática onde os participantes criarão seus próprios autorretratos utilizando diferentes técnicas e materiais. Discussão em grupo sobre as escolhas artísticas e o processo de autoexpressão.
3º encontro-	2h/a 19:00 às 21:00	Desenvolvimento de atividades/projetos pedagógicos que integrem o autorretrato. Planejamento de como incorporar o autorretrato em diferentes níveis de ensino e disciplinas.
4º encontro	2h/a 19:00 às 21:00	Apresentação das atividades/projetos desenvolvidos e reflexão sobre a prática pedagógica. Discussão sobre os desafios e sucessos na implementação do autorretrato nas aulas de artes.

9. INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Sala de aula com equipamentos de multimídia (computador, projetor, som).
- Materiais artísticos (papel, lápis, carvão, tinta, pincéis, espelhos).
- Computadores com acesso à internet para pesquisa.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho percorreu um caminho entrelaçado de memórias pessoais e práticas artísticas, explorando como o autorretrato pode servir como um meio profundo de investigação de identidade e expressão emocional. A pesquisa, fundamentada no diálogo entre arte e educação, permitiu não só a reflexão sobre minha trajetória enquanto artista, mas também o olhar crítico sobre a construção de do meu eu ao longo do tempo. Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar como as questões levantadas por meio de autorretratos podem ser incorporadas ao ensino da arte, promovendo uma reflexão crítica e ampliando a compreensão dos alunos sobre identidade, expressão pessoal e sociedade. Por esse sentido, os objetivos específicos constroem a estrutura do desenvolvimento da pesquisa. Assim sendo o primeiro objetivo específico que era: Examinar o impacto das obras de Frida Kahlo, no que diz respeito às questões de identidade, gênero e política, e sua relevância para a educação artística, discorro de sua relação intensa com o autorretrato, evidenciando suas dores, angustias, ser mulher e sua enfermidade, num processo de aceitação e auto análise percorrendo um caminho de se auto conhecer. No segundo objetivo específico procuro Identificar as questões e temáticas tratadas por artistas contemporâneos Vik Muniz, Cindy Sherman e Yayoi Kusama em seus autorretratos, destacando sua relevância cultural e social. Com Vik Muniz vemos o quanto seu trabalho desafia as percepções tradicionais da arte e da identidade, explorando a relação entre o material e o conceito, ampliando os limites da criatividade e da expressão pessoal. Cindy Sherman que se apropria da linguagem da fotografia e com isso, suas obras não falam apenas dela mesma, mas fazem uma reflexão sobre como as identidades femininas são moldadas e percebidas na sociedade. Yayoi Kusama que traz uma proposta bem distinta, ela utiliza diferentes técnicas como a pintura, escultura, arte performática e instalações e mesmo que não faça autorretratos no sentido tradicional, ela incorpora sua própria imagem e identidade de uma maneira muito única.

Através do estudo de artistas que fazem uso do autorretrato, como a Frida Kahlo, e das práticas educacionais com os alunos do ensino médio, foi possível reconhecer o impacto que a arte tem na formação de identidades e no despertar de memórias. Durante as atividades no estágio, observei como a interação entre arte,

memória e afeto desperta a sensibilidade dos estudantes, possibilitando que eles se conectem com suas próprias histórias de maneira única e íntima.

O autorretrato revelou-se, então, não apenas como uma técnica artística, mas como uma ferramenta de autoanálise, especialmente quando reflete momentos de desafios pessoais, como por exemplo minha vivência com o angioedema hereditário. Esse exercício de autopercepção através da arte contribuiu para uma compreensão mais profunda de mim mesma e de minhas emoções, processo que também inspirei nos estudantes durante a mediação artística.

Portanto, concluo que o autorretrato, no contexto educativo, vai além da prática técnica; ele se torna um espelho que reflete o íntimo, convidando o indivíduo a resgatar memórias, enfrentar medos e construir narrativas que integram a arte e a vida. O caminho aqui percorrido reafirma a potência transformadora da arte, tanto no plano individual quanto coletivo, tornando-a uma forma vital tanto na educação quanto na formação humana.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Viviani Patrícia Pimenta. **Autorretrato como construção da identidade: uma ação educativa em artes visuais para o ensino fundamental**. 2018. 98 f. TCC (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Mg, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1422>. Acesso em: 16 mar. 2024.

AULER, Lívia. **CINDY SHERMAN**. 2016. Disponível em: <https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/04/21/cindy-sherman/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BENEVIDES, Ligia Maria Rocha e. **AUTORRETRATO**. 2016. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes da Universidade de Brasília – Unb, Brasília - Df, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17311/1/2016_LigiaMariaRochaeBenevides_tcc.pdf. Acesso em: 02 maio 2024.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **"Frida Kahlo"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/frida-kahlo.htm>. Acesso em 16 de março de 2024.

CITADIN, Rafaela. **MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO: RELATOS E EXPERIÊNCIAS**. 2019. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Unesc, Criciúma-Sc, 2019. Disponível em: <file:///D:/TCC/RAFAELA%20CITADIN.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ELASSAL, Rani Gonçalves. **AUTORRETRATO: Presença e construção da identidade**. 2021. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Plásticas, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal, 2021. Disponível em: [file:///D:/TCC/517744%20\(3\).pdf](file:///D:/TCC/517744%20(3).pdf). Acesso em: 10 maio 2023.

MEDEIROS., Brígida Duarte de Oliveira. **FRIDA KAHLO: UMA AUTOFIÇÃO?** 2016. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: file:///D:/TCC/2016_BrigidaDuarteDeOliveiraMedeiros_tcc.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.

MELO, Yandra Suyane Fontineles. **AUTORRETRATO E O OLHAR DE SI**. 2022. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Brasília, Brasília, 2022. Disponível em:

file:///D:/TCC/2022_YandraSuyaneFontinelesMelo_tcc%20(1)%20(1)%20(1).pdf.
Acesso em: 24 mar. 2024.

MODESTO, Cristina Ester da Costa. **PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA: AUTORRETRATO ATRAVÉS DO DESENHO**. 2019. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/10502/1/cristinaesterdacostamodesto.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2024.

PAULINO, Roseli. **Yayoi Kusama: Vida e Obra**. Disponível em:
<https://arteeartistas.com.br/biografia-de-yayoi-kusama/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. IMAGENS DE SI: O AUTORRETRATO COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51–73, 2015. DOI: 10.5965/198431781112015051. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SALOMÃO, Iriê. **Yayoi Kusama: conheça a história da japonesa que carrega o título de artista viva mais vendida do mundo**. 2024. Disponível em:
<https://iriesalomao.com.br/blog/yayoi-kusama/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

TECMUNDO. **Stranger Things**. Minha Série. Disponível em:
<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/stranger-things>. Acesso em: 28 ago. 2024.

TOREZAN, Julianna Nascimento. **Os Autorretratos de Cindy Sherman no Instagram**. 2020. III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online) Campina Grande, PB. Disponível em: <https://graofinofoto.com.br/wp-content/uploads/2020/12/GT2art1.autorretratoinstagram.pdf>. Acesso em: 05 maio 2024.

TRINDADE, Bianca. **O AUTORRETRATO NA SALA DE AULA: Práticas de educação antirracista na infância**. 2022. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sernegra/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV197_MD1_ID322_TB55_15012024235920.pdf. Acesso em: 30 ago. 2024. Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:
file:///D:/TCC/2016_BrigidaDuarteDeOliveiraMedeiros_tcc.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.